

ESTUDANTES LGBTQIAPN+ NAS LICENCIATURAS DO CAMPUS IX DA UNEB: POSSÍVEIS ENTRAVES E DESAFIOS

*LGBTQIAPN+ STUDENTS IN DEGREE COURSES AT UNEB CAMPUS IX: POSSIBLE OBSTACLES AND
CHALLENGES*

Yngrid Sofia Barbosa¹

Resumo: este trabalho, desenvolvido a partir da temática estudante LGBTQIAPN+ nas licenciaturas da UNEB campus IX: possíveis entraves e desafios é resultado de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Estadual da Bahia. A comunidade LGBTQIAPN+ vivem cotidianamente enfrentando desafios e entraves em seus diversos contextos e modos de vida, e essa pesquisa, mostrará que no sistema educacional essa realidade não é diferente, diversos desafios e entraves podem ser considerados fatores para que essa comunidade não permaneça nos espaços escolares, universitários e por consequência não conseguem acessar o mercado de trabalho. Ao concluir, foi possível analisar e discutir os relatos que essa comunidade vivencia desde a educação básica, ingresso, desafios e permanências no ensino superior nas licenciaturas.

Palavras-chave: comunidade LGBTQIAPN+; formação em licenciaturas; violência.

Abstract: this work, developed based on the theme of LGBTQIAPN+ students in undergraduate courses at UNEB campus IX: possible obstacles and challenges, is the result of a Course Completion Work (TCC) for a Degree in Pedagogy at the State University of Bahia. The LGBTQIAPN+ community lives daily, facing challenges and obstacles in their different contexts and ways of life, and this research will show that in the educational system this reality is no different, different challenges and obstacles can be considered factors for this community not to remain in school or university spaces and, consequently, are unable to access the job market. In conclusion, it was possible to analyze and discuss the reports that this community experiences from basic education, entry, challenges and stays in higher education in undergraduate courses.

Keywords: LGBTQIAPN+ community; degree training; violence.

1 INTRODUÇÃO

Para a população LGBTQIAPN+² viver no Brasil é um ato de resistência e de lutas por garantia de direitos básicos. Essa população, na maioria das vezes, vive subjugada, sofrendo atos de violência, marginalização e exclusão, não apenas em âmbito social macro, como também em termos de acesso à educação, em especial, a educação superior. As narrativas e ações de negação e preconceito que envolvem a orientação sexual e a identidade de gênero, costumam marginalizar e excluir essa população dos espaços educacionais.

Como mulher Trans e acadêmica do Curso de Pedagogia da UNEB em Barreiras, além de sofrer na pele situações de violência, exclusão e marginalização, percebo e dialogo com

¹Mulher trans/travesti, Pedagoga, Mestranda em Ciências Humanas e Sociais - Universidade Federal do Oeste da Bahia, ativista/militante das causas LGBTQIAPN+, palestrante.

²A sigla LGBTQIAPN+ é uma sigla que abrange pessoas que são Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Pôli, Não-binárias e mais. Abraça uma parcela dos grupos de diversidade sexual e de gênero, compreendendo não apenas nomenclaturas de orientação sexual, mas também de identidade de gênero e até mesmo anatômico como no caso das pessoas intersexuais (Cartilha INCLUZE, 2023, p.16-18).

pessoas LGBTQIAPN+, que também são vítimas de tais situações, tanto no contexto dos espaços formais de educação, quanto ao acesso e oportunidades no mercado de trabalho.

Nesse sentido, os desafios são cotidianos na busca de alternativas viáveis que transformem a realidade das populações LGBTQIAPN+. Os obstáculos e rótulos que essa população enfrenta, envolve práticas de discriminação, humilhação e até mesmo agressividade com poucas oportunidades em uma sociedade com padrões e regras pouco acolhedoras às diferenças. Essa população que segue padrões e comportamentos contrários a cisheteronormativa³ em sua maioria, encontra-se à margem do Estado e da sociedade, vivendo em situações de risco imersa na prostituição, drogas, com dificuldades econômicas, problemas de saúde física e mental excluída do mundo cultural e educacional.

De outra parte, o mercado de trabalho demanda por jovens talentosos, com boa formação e qualificação profissional, desafiando ainda mais a população LGBTQIAPN+ que geralmente encontra barreiras, oriundas da situação de vulnerabilidade provocada pela ruptura de vínculos familiares e por situações de discriminação dentro do ambiente familiar e escolar, o que repercute acesso e conclusão da educação básica, a cursos profissionalizantes e, por conseguinte, ao acesso e permanência em cursos superior.

Todavia, alguns desafiam o sistema, e com muita coragem acessam a educação escolar e superior, marcadas por relações de preconceito, discriminação, hostilidade e violência contra pessoas não heterossexuais, aspectos que incidem sobre a sua permanência nesses espaços e muitos desafios.

Nesse sentido é importante a discussão que envolve conquistas de acesso ao ensino superior para mulheres Trans, Travestis e Transgêneros em instituições públicas. A Universidade do Estado da Bahia (UNEB) por meio da resolução CONSU nº 1.339/2018 que estabelece reserva de vagas de cotas para pessoas Transgêneros, transexuais e travestis, para além das cotas para negros, indígenas quilombolas, ciganos e Pessoas Com Deficiência (PCDs), reitera compromisso de inclusão social, garantindo que pessoas LGBTQIAPN+ ingressem na universidade, com políticas não apenas de acesso, como também de inclusão dessas.

O presente trabalho monográfico é resultado de pesquisa, propondo-se a prospectar quais os possíveis entraves e desafios de estudantes LGBTQIAPN+ das licenciaturas do campus IX da UNEB, levando em consideração as questões de gênero e sexualidade, as formas de preconceitos, discriminação e hostilidade sofridas no espaço educacional, discutindo entraves e desafios que possivelmente ocorrem durante o período de graduação em licenciaturas. Ademais, consta de mapeamento de estudantes LGBTQIAPN+ nas licenciaturas do campus IX da UNEB; relatos e vivências de trajetórias de vida e percursos

³ Uma sociedade cisheteronormativa é aquela na qual a cisgêneridade é a norma e os padrões de comportamentos heterossexuais são dominantes e todos aqueles contrários a esse padrão são estigmatizados e punidos (Sá, Szyty, 2021, p. 52).

associadas aos desafios vivenciados no ensino superior analisando e discutindo, por fim, possíveis entraves e desafios relatados nessa experiência, visando o mercado de trabalho.

Desse modo, justifica-se esse estudo, acreditando que ela poderá colaborar com a reflexão e o combate a toda e quaisquer formas de discriminação e exclusão da população LGBTQIAPN+ no acesso e continuidade de sua formação profissional e inserção no mercado de trabalho com especial ênfase, sua preparação e enfrentamento de possíveis entraves e desafios como futuros professores. Ademais, a orientação sexual e identidade de gênero não podem configurar como uma barreira de acesso ao mundo de trabalho, as licenciaturas objetivam a profissionalização docente e a imersão de pessoas LGBTQIAPN+ precisa ser acolhida em ambientes escolares mais justos e igualitários que deem continuidade ao processo de inclusão e valorização desse grupo.

2 POPULAÇÕES LGBTQIAPN+: ACESSO E PERMANÊNCIA NO ESPAÇO ESCOLAR E UNIVERSITÁRIO

A população LGBTQIAPN+ representa a diversidade de orientações e identidades de gêneros que simbolizam e são vivenciadas por um conjunto de pessoas pertencente a uma parcela da população mundial. O movimento LGBTQIAPN+ no Brasil vem ganhando espaço na medida em que políticas públicas vêm garantindo um avanço significativo de inclusão, lutas e reconhecimento dessas pessoas e seus direitos. Apresentado através do manual de comunicação LGBTQIAPN+ do Tribunal de Justiça de Sergipe (Sergipe, 2022) a comunidade tem sua composição apresentada pelas denominações a seguir:

LESBICAS: É uma orientação sexual e diz respeito a mulheres (cisgênero ou transgênero) que se sentem atraídas afetiva e sexualmente por outras mulheres (também cis ou trans).

GAYS: É uma orientação sexual e se refere a homens (cisgênero ou transgênero) que se sentem atraídos por outros homens (também cis ou trans).

BISSEXUAIS: são pessoas que se relacionam afetiva e sexualmente tanto com homens quanto com mulheres (inclusive homens e mulheres transgênero, que também podem ser bissexuais).

TRANS: Pessoa que possui uma identidade de gênero diferente do sexo designado no nascimento. Algumas pessoas trans recorrem a tratamentos médicos, que vão da terapia hormonal à cirurgia de redesignação sexual. São usadas as expressões homens trans e mulher trans.

TRAVESTI: É uma pessoa que não se identifica com o sexo biológico e se veste/se comporta como de outro sexo, de forma temporária ou permanente. Atualmente, a palavra travesti adquiriu um teor político de resignificação de termo historicamente tido como pejorativo.

QUEER: O termo em inglês, que pode ser traduzido como "estranho", é usado para designar as pessoas que não se identificam como sendo 100% homem ou 100% mulher, mas se veem como sendo de um terceiro gênero, fluido/andrógino, com característica masculinas e femininas. A pessoa queer também

não vê sua orientação sexual definida como hetero ou homossexual.

INTERSEXO: A intersexualidade descreve as pessoas que podem nascer com genitais correspondentes a um sexo, mas ter o sistema reprodutivo e os hormônios do outro. Ou podem apresentar uma anatomia sexual que não é nem masculina nem feminina – o que leva alguns intersexos a fazer a cirurgia de redesignação sexual. No passado, essas pessoas eram chamadas de hermafroditas.

AGÊNERO: Pessoa que não se identifica ou não se sente pertencente a nenhum gênero.

PANSSEXUAL: Atração sexual ou romântica por qualquer sexo ou identidade de gênero.

NÃO-BINÁRIE: Expressão utilizada para denominar aqueles seres humanos que não se classificam exclusivamente em nenhum dos gêneros binários - masculino ou feminino.

+: Utilizado para incluir outros grupos que as letras não descrevem (Sergipe, 2022, p. 10-20).

Em 2015, a Secretaria de Educação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais (ABGLT), realizou uma pesquisa nacional sobre estudantes LGBTQIAPN+ e o ambiente escolar, no que resultou em um relatório de análises e resultados da primeira pesquisa nacional virtual realizada no Brasil sobre as experiências nas instituições educacionais do público investigado. A pesquisa contou com a participação de 324 organizações de todos os estados do país, Distrito Federal, exceto o Estado do Tocantins. (Secretaria de Educação ABGLT, 2016).

Os participantes responderam um questionário online seguindo alguns critérios de participação; maior de 13 anos, estudantes que se auto declaram LGBTQIAPN+ no ensino médio no Brasil no ano de 2015. O questionário tinha objetivo de responder sobre as suas experiências na escola no ano de 2015, foram questionados se terem escutado comentários preconceituosos, sentir-se (in)seguro/a, ser agredido/a e se sentir bem na escola. Também foram perguntados/as sobre suas experiências acadêmicas, atitudes em relação à escola e a disponibilidade de acolhimento para estudantes LGBTQIAPN+ Diante dessa pesquisa realizada pela ABGLT⁴ os dados foram analisados e apresentados no relatório da seguinte forma:

In(segurança): • 60%² se sentiam inseguros/as na escola no último ano por causa de sua orientação sexual. • 43% se sentiam inseguros/as por causa de sua identidade/expressão de gênero. Comentários Pejorativos: Muito/as estudantes ouviram comentários pejorativos sobre pessoas LGBT 48% ouviram com frequência comentários LGBTfóbicos feitos por seus pares. 55% afirmaram ter ouvido comentários negativos especificamente a respeito de pessoas trans. Agressão / violência: • 73% foram agredidos/as verbalmente por causa de sua orientação sexual. • 68% foram agredidos/as verbalmente na escola por causa de sua identidade/expressão de gênero. • 27% dos/das estudantes LGBT

⁴ABGLT: Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais e Intersexos, designada pela sigla ABGLT, cujo nome e fins foram aprovados em 31 de janeiro de 1995, data de sua fundação, por 31 entidades, é uma pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos e com duração por tempo indeterminado.

foram agredidos/as fisicamente por causa de sua orientação sexual. • 25% foram agredidos/as fisicamente na escola por causa de sua identidade/expressão de gênero. • 56% dos/das estudantes LGBT foram assediados/as sexualmente na escola. Resposta da escola / da família: • 36% dos/das respondentes acreditaram que foi “ineficaz” a resposta dos/das profissionais para impedir as agressões. • 39% afirmaram que nenhum membro da família falou com alguém da equipe de profissionais da escola quando o/a estudante sofreu agressão ou violência. Faltas: Os/as estudantes tinham duas vezes mais probabilidade de ter faltado à escola no último mês se sofreram níveis mais elevados de agressão relacionada à sua orientação sexual (58,9% comparados com 23,7% entre os/as que sofreram menos agressão) ou expressão de gênero (51,9% comparados com 25,5%). Bem-estar: Os/as estudantes LGBT que vivenciaram níveis mais elevados de agressão verbal por causa da orientação sexual ou expressão de gênero (frequentemente ou quase sempre) tinham 1,5 vezes mais probabilidade de relatar níveis mais elevados de depressão (73,7% comparados com 43,6% [que sofreram menos agressão] no caso da orientação sexual; 67,0% comparados com 45,3% no caso da identidade/expressão de gênero), Acolhimento de estudantes LGBT: • Para 64% dos/das estudantes não existia nenhuma disposição no regulamento da escola (ou desconheciam a existência) a este respeito • Apenas 8,3% dos/das estudantes afirmaram que o regulamento da escola tinha alguma disposição sobre orientação sexual, identidade/expressão de gênero, ou ambas (ABGLT. 2016, p. 19).

Os dados produzidos pela ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos) são o ponto de partida para a nossa discussão, ao indicar o quanto o ambiente escolar é um espaço excludente para pessoas LGBTQIAPN+, que violam direitos básicos de acesso à política pública de educação à liberdade, integridade física e psicológicas de diversos sujeitos que manifestam suas orientações sexuais e identidades de gênero contrárias a cis heteronormatividade.

Nesse sentido a escola como principal espaço de acesso ao mundo do conhecimento, não dispõe muitas vezes, do acolhimento e segurança necessária para esse público. Ao contrário, acaba se tornando um espaço de violência, exclusão e discriminação. Ainda no relatório uma vítima expõe a sua vivência no espaço escolar que afirma os dados apresentados a seguir:

Me descobri no primeiro semestre como lésbica, e poucos meses depois como homem trans, e tive minha perspectiva de vida completamente alterada. Desde que eu cortei o cabelo e passei a me vestir com roupas que eu julgo mais “a minha cara”, passei também a temer andar na rua. Passei a receber olhares de ódio na rua. Eu, um jovem de classe média alta, branco, morando em um bairro rico, levei um choque de realidade ao perceber que eu tinha muitos privilégios e que minha expressão de gênero tirou quase todos eles de mim. Esse ano, tudo mudou para mim, eu tenho medo de andar na rua sozinho, eu tenho medo de me assumir para meus pais, eu tenho medo de nunca ser capaz de concluir minha transição, de não ser aceito no mercado de trabalho. Eu tenho medo de tudo e de todos. (depoimento de estudante trans, 16 anos, estado de São Paulo (ABGLT, 2016, p. 28).

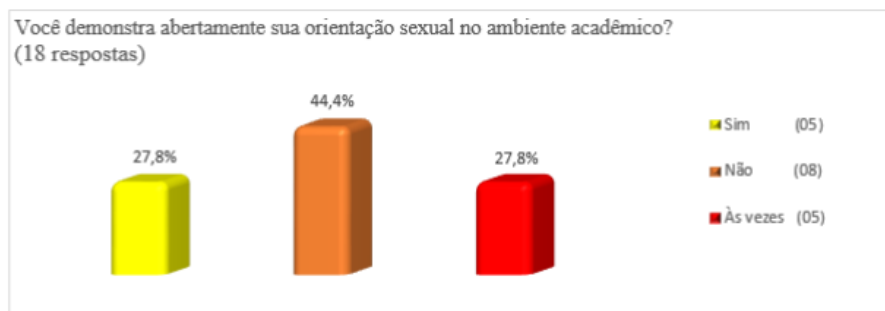
Esses relatos e depoimentos de pessoas LGBTQIAPN+ no espaço escolar são comuns e próximos da realidade, frequentemente os sujeitos LGBTQIAPN+ estão relatando mais a sua indignação e os tipos de violências sofridas nestes espaços. Ademais, esses fatores, corroboram para a evasão escolar, pois, o ambiente escolar e universitário acaba se tornaram espaços de inseguranças e violações de direitos, o que se repete também nos espaços de trabalhos, quando acessados. Conforme demonstra a pesquisa a seguir:

Por meio das 1016 respostas efetuadas no questionário disponibilizado online, o relatório retrata níveis elevados e alarmantes de agressões verbais e físicas, além de violência física; ao mesmo tempo expõe níveis baixos de respostas nas famílias e nas instituições educacionais que fazem com que tais ambientes deixem de ser seguros para muitos estudantes LGBT, resultando em baixo desempenho, faltas e desistências, além de depressão e o sentimento de não pertencer a estas instituições por vezes hostis (ABGLT, 2015, p. 13).

Os relatos do público pesquisado retratam as práticas de discriminação que são extremamente fortes e nos fazem pensar de que forma estamos nos preparando para fazer valer os direitos sociais dessas pessoas. Será que escola está garantindo políticas que atendam e acolham esse público e estimulem a concluir a educação básica e ingressar no ensino superior? Como ingressam e permanecem esses sujeitos no ensino superior? Questões essas que serão desenvolvidas e interpretadas ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

No tocante ao acesso e permanência a no ensino superior comungamos da observação de (Santos, 2017) onde os grupos LGBTQIAPN+ encontram dificuldades durante o ingresso e sua permanência, de tais modos que estes sujeitos não se expressam nas suas orientações e identidades no ensino superior com medo da aceitação do ambiente acadêmico universitário e o medo de permanecer e pertencer esse espaço heteronormativo. Como retrata o gráfico retirado de sua pesquisa realizada em 2017.

GRAFICO 1 - Percentual de Estudantes LGBT que não/demonstram sua orientação sexual no ambiente acadêmico.



FONTE: Gráfico elaborado a partir do questionário online aplicado aos estudantes do curso de Pedagogia – Educação do Campo do 5º ao 10º período.

Fonte: Os desafios da permanência de estudantes LGBT na universidade: uma perspectiva da diversidade sexual no curso de Pedagogia – Educação do Campo (UFPB, 2017).

O medo, a não aceitação, a repressão à orientação sexual e identidade de gênero de alunos e acadêmicos, faz com que muitos não permaneçam nestes espaços, ou quando permanecem são obrigados a resistir, desafiar e quebrar todos os padrões ali impostos. A trajetória de pessoas LGBTQIAPN+ nos espaços escolares é marcada por luta e dor. Ainda que haja registros sobre avanços e conquistas em termos de políticas públicas, os dados seguem apontando que o Brasil é o país que mais violenta essa comunidade. Quanto a escola:

[...] somente será democrática quando for um espaço de inclusão social. O respeito à diferença e o direito à singularidade são premissas básicas na construção desse espaço, no qual todos são diferentes, em que cada um, com sua individualidade, possa contar com o reconhecimento, a orientação e o apoio (Figueiró, 2007, p. 73).

Não tão distante da realidade escolar, o ambiente universitário para o público LGBTQIAPN+ também é um espaço que segrega essa população, que não oferece condições de permanência e acolhimento necessário, onde ingressam, porém não se sentem sujeitos pertencentes daqueles espaços, ocasionando uma desistência e por vezes enxergam o ambiente universitário um lugar que reproduz todos os preconceitos vivenciados na família e na educação básica. Assim o público LGBTQIAPN+ acreditam que:

Ter professores/as e funcionários/as acolhedores/as na instituição educacional pode ter um efeito positivo sobre as experiências educacionais de qualquer estudante, aumentando sua motivação para aprender e se envolver positivamente na instituição educacional. Visto que estudantes LGBT muitas vezes se sentem inseguros/as e rejeitados/as na instituição educacional, ter acesso a profissionais na instituição educacional que deem apoio pode

ser crítico para a criação de ambientes aprimorados de aprendizagem para estudantes LGBT. Assim, examinamos as relações entre a presença de profissionais acolhedores/as e vários indicadores do clima na instituição educacional. Os resultados mostram que a presença de profissionais da instituição educacional que acolhem estudantes LGBT é um dos aspectos críticos para a melhoria do clima na instituição educacional (ABGLT, 2016, p. 60).

Com isso, a luta gravita em torno da construção de escolas e universidades pautadas na inclusão, com equidade, respeito e, sobretudo, um acolhimento necessário e que garantam uma ampla discussão que atendam todas as diversidades com um ensino humano, crítico e participativo.

3 A LGBTFOBIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Nesse tópico será contextualizado e discutido quais os principais desafios enfrentados pelos participantes LGBTQIAPN+ em sua trajetória na educação básica.

Ao serem questionados quais os principais desafios que esses pertencentes a comunidade LGBTQIAPN+ enfrentaram até a conclusão do ensino médio, os participantes declaram que:

Bom, eu enfrentei mais desafios durante o ensino fundamental 02, fui alvo de muitas piadinhas, um colega apalpou minhas partes íntimas e falou nem "saco tem" me chamava de bichinha, mulherzinha porque não veste uma saia e não tinha argumento pra responder, até por ser muito tímido só sorria e aceitava calado e também sem entender muito, pra mim era algo normal e no ensino médio por não ser assumido foi até mais tranquilo nesse período, não recebi muitas ofensas, mas vivia retraído com os sentimentos também, mas já sabendo quem eu era e da minha sexualidade, sofria mais piadinhas nas ruas (Participante 1).

Esse comportamento relatado pelo participante 1 nos indica um dos fatores que contribuem para que pessoas LGBTQIAPN+ não concluam o ensino médio. São comentários constrangedores, ofensivos que deixam traumas até a vida adulta, comentários equivocados, sempre relacionando orientações sexuais e identidades de gênero ao sexo biológico de nascimento, sempre tratando pessoas LGBTQIAPN+ de modo diminutivo "bichinha, mulherzinha". O relato do próximo participante nos mostra o quanto as pessoas LGTQIAPN+ se sentem inferiorizadas e vivem sendo apontadas como pessoas incapazes.

Sempre nos colocam como alvo de inferioridade ou até mesmo de incapacidade cognitiva, ao longo desse processo, diversos apontamentos foram feitos, como se eu(nós) não tivéssemos o direito do acesso à educação tanto quantos os normais (Participante 2).

O participante 2 utiliza o termo “normais” para se referir as pessoas que não segue um padrão da cisheteronormatividade, mas que independente da sua raça, cor, condições econômicas, sociais, de suas orientações sexuais e identidades de gênero tem direito acesso à educação, como traz o texto da Constituição Federal:

A Constituição Federal estabelece que: Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino (BRASIL, 2008a).

Os próximos relatos apresentam na sua maioria falas em comuns, a LGBTfobia⁵ nos espaços escolares sendo proferidas pelos colegas, exclusão por parte de professores, e a indiferença no tratamento quando alguém é pertencente a comunidade, que se sentia ofendida, excluídas, constrangidas e desconfortáveis.

Em aulas didáticas onde havia discursos de ódios para com a comunidade onde me atingia. (Participante 3)

Passamos por muitos preconceitos por partes dos colegas de classe e algum tipo de exclusão por parte de alguns professores e alguns alunos. (Participante 4)

Diversas vezes, sofri desrespeito tanto por parte de colegas quanto de professores, muitas vezes tentando relevar esses preconceitos. (Participante 5)

A indiferença no tratamento por parte dos colegas de turma e docentes. Colegas heterossexuais e preconceitos, e professores heterossexuais e religiosos que também eram intolerantes. A forma como era tratado me deixava constrangido e desconfortável. (Participante 6)

Diante disso, podemos ressaltar a importância do acolhimento que essa comunidade necessita e deve ser garantida tanto pelos professores, pelos colegas e equipe escolar, para que estudantes LGBTQIAPN+ na educação básica das nossas escolas consigam concluir o ensino médio e seguir para o ensino superior, assim:

Dentro de um cenário educacional destoante das necessidades e especificidades de estudantes LGBT, suas vulnerabilidades são maximizadas, influenciando diretamente seu desempenho escolar, o que torna o acesso e a permanência nas instituições de

⁵O termo também se popularizou, uma vez que antes utilizava-se homofobia para designar o ódio à população LGBTQIA+. Usamos a palavra para nomear qualquer forma de violência ou desprezo motivadas por sua orientação sexual ou/e identidade de gênero. Atualmente, está equiparada ao crime de racismo, previsto na Lei nº 7.716/89, que pune todo tipo de discriminação ou preconceito (Cartilha INCLUZE, 2023, p. 26).

ensino ainda mais difíceis para esta população, contribuindo para os altos índices de evasão e repetência no ensino, aprofundando assim desigualdades sociais (Diagnostico LGBT⁶, 2018, p. 27).

Ao serem questionados se já sofreram algum tipo de violência física ou psicológica no ambiente escolar, todos os participantes relatam que sofreram algum tipo de violência, isso é um retrato da realidade vivenciada pela comunidade LGBTQIAPN+ e enfrentam como desafios nos espaços escolares, resultando na sua evasão e abandono.

Ao serem questionados se enfrentaram dificuldades para ingressar no ensino superior, os participantes responderam que:

Não. (Participante 1)
Até aqui está sendo tudo um pouco normalizado, aos poucos estamos tomando nosso espaço. (Participante 2)
Dificuldade de locomoção para residir em casas de parentes já que não tenho a condição de me sustentar e nem fazer faculdade na cidade onde morava. (participante 3)
Tive algumas dificuldades por parte de falas de algumas pessoas de que eu nunca conseguiria um diploma. (Participante 4)
Não. (participante 5)
Não, o acesso ao ensino superior na universidade pública foi bem tranquilo e livre, sem empecilhos. (Participante 6)

As respostas dos participantes são claras, que não encontraram dificuldades para o ingresso no ensino superior, mas podemos observar que ainda há desafios e entraves que dificultam este acesso, sejam por falta de estímulos ou até mesmo por não conseguir concluir a educação básica, devido ao preconceito, como pessoa LGBTQIAPN+ ter que residir em casa de parentes, ouvir falas que os desmotivam de ingressar em um curso de nível superior, mas também podemos ver esse engajamento de querer ocupar os lugares que por tanto tempo foram nos negados. Assim, podemos afirmar que maioria dos participantes acha desafiador permanecer no ambiente universitário, para além das suas vivências e trajetórias como pessoas LGBTQIAPN+ da educação básica até o ingresso ao ensino superior, essas pessoas enfrentaram diversas barreiras que podem estar relacionadas desde a sua própria orientação/identidades de gênero, bem como outros fatores que dificultam e desafiam essa permanência.

O ingresso num curso de nível superior, não significa que não será desafiador a permanência tanto para outras pessoas quanto para o público LGBTQIAPN+, mas quando falamos dos desafios enfrentados pela comunidade para permanecer na universidade está relacionado à o novo espaço, que as discussões, as manifestações, as diversidades estão mais afloradas, e com isso também pode ser um espaço segregador, ofensivo que limitam

⁶O Diagnóstico da Juventude LGBT faz parte da reformulação do pacote, o Brasil Mais Jovem 2018, e é uma importante ferramenta do Governo para compreender a realidade social de jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros.

essas manifestações acerca das orientações e identidades, que ativam gatilhos e talvez possam ser reproduzidos e vivenciados situações e preconceitos que viveram na educação básica, seja a ausência de outros corpos territórios, corpos estes que estão em condições de representatividades assim como nos traz (Cordeiro 2020), seja a falta de acolhimento dos professores universitários e talvez a falta de políticas de permanências, como a ausência de atendimento social, apoio psicológico e pedagógico, pois, além dos desafios da vida em família, contexto social, conviver com o preconceito nos espaços universitários não garantirá a permanência.

Dos 6 participantes da pesquisa, 4(quatro) relataram que não presenciaram algo que caracterizasse LGBTfobia no espaço universitário, 2(dois) relataram presenciar falas e discursos como ocorrem na educação básica, apesar disso a maioria considera o espaço universitário seguro e acolhedor para a comunidade. A seguir observaremos o relato de um participante:

Poucos se falam, mas vejo um respeito de ambos, pelo menos no meu departamento e pela faculdade ser inclusiva e tal tendo outra perspectiva isso ajuda a combater, mas não posso falar por todos, porque sei que tem muitos corpos que sofrem violência e preconceito como o corpo negro, travesti e trans. A aceitação é bem mais severa, se tem logo por conta das leis que assegura isso e eu como homem cis e branco, reconheço meu privilégio e sei que muitas vezes, passo despercebido como um corpo fora da linha do preconceito (Participante 1).

As pautas de combate a LGBTfobias são extremamente importantes e fundamentais em todos os ambientes, e se faz necessário debate, discussões, seminários e pesquisas nos cursos de licenciaturas, pois além de fortalecer a igualdade e dignidade de pessoas LGBTQIAPN+ nos espaços universitários, esse trabalho também refletirá ali na formação dos futuros licenciados. Em relação aos docentes universitários podemos refletir que:

Cabe ressaltar ainda que o quadro docente, na sua maioria, não recebe formação para desenvolver ações educativas relacionadas à orientação sexual e identidade de gênero, além de não ser abordado por programas de formação continuada para profissionais de educação, mesmo que se tenha a clareza da importância do tema, uma vez que perpassa a vida social, escolar e familiar de estudantes e agentes escolares (Diagnostico LGBT, 2018,p. 28).

E ao serem questionados como os docentes debatem as pautas de LGBTQIAPN+ nos cursos de Licenciatura, os sujeitos responderam que, debatem de forma imparcial, como uma luta de todos e para todos, outros relatam não ter presenciado a pauta ser debatida. E

que os docentes precisam trabalhar dentro dos cursos de licenciaturas, essa temática, ou ao menos incentivando a pesquisa e projetos que envolvam a comunidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu analisar quais os possíveis entraves e desafios que os estudantes LGBTQIAPN+ dos cursos de Licenciatura da UNEB - Campus Barreiras, quais sejam, pedagogia, letras, matemática e ciências biológicas, procurando discutir e compreender através dos relatos dos participantes da entrevista, suas trajetórias, vivências como desafios enfrentados desde a educação básica, e percursos até o ensino superior. Diante disso foi possível realizar um mapeamento destes sujeitos que se autodeclaram pertencentes a comunidades LGBTQIAPN+, bem como suas diversas orientações e identidades de gênero, com a aplicação de 25 questões abertas e fechadas, onde os participantes responderam desde as suas informações socioeconômicas e seus relatos quando estudantes da educação básica até o ingresso ao ensino superior e sua trajetória nos cursos de licenciatura.

Diante da análise dos dados fornecidos pelos estudantes, foi possível identificar que sua maioria é estudantes com renda inferior ao um salário-mínimo, oriundos da rede pública de ensino e que durante a educação básica sofreram violências físicas e psicológicas que poderiam ser fatores que contribuíssem para a não permanência no ambiente escolar, como já foi desenvolvido na pesquisa, grande índice de evasão e abandono dessas pessoas do ambiente escolar é por não conseguir desafiar esse CIS(tema) que marginaliza, exclui e violenta a comunidade, fazendo estes se sentirem inferiores e que pouco recebem um acolhimento necessário, seja no ambiente familiar como também no escolar, mas estes sujeitos enfrentaram essas barreiras e violências e concluíram o ensino médio e ingressaram no ensino superior.

Com isso foi possível observar que além dos desafios de permanência na educação básica, no ensino superior não é diferente, como dito anteriormente ingressar no ensino superior não significa permanência, e com os participantes da pesquisa não é distante essa realidade, a maioria relata que não teve dificuldades em acessar, mas que está sendo desafiador permanecer seja por questões familiares, exclusão social e por mesmo não se sentir pertencentes ao ambiente universitário, tendo em vista que o ambiente universitário em sua totalidade apresenta uma diversidade de pessoas, com diferentes culturas, pensamento e religião, sendo fatores que muitas vezes não respeitam as orientações e identidades destes sujeitos, que utilizam justificativas religiosas, ideologias e pensamentos que segregam e colocam estes sujeitos em posição de exclusão.

Foi possível identificar nos relatos dos sujeitos que estes nos cursos de licenciaturas da UNEB campus IX já presenciaram situações de LGBTfobias e até foram alvos não

somente de colegas mas também por parte de docentes, de sentir perseguido em um componente curricular devido a sua orientação sexual e isso é o que os torna como desafios e entraves, bem como a ausência de um núcleo de gênero e sexualidade onde essas pessoas poderiam ter um acolhimento psicossocial, grupos de trabalhos, desenvolvimentos de pesquisas, bem como formação de coletivos que fortaleçam a pauta dentro da instituição, além da importância da formação continuada dos docentes acerca da temática para que sejam trabalhadas em sala de aula nos componentes curriculares, formação com técnicos e colaboradores no tratamento e acolhimento caso essas vítimas se sintam perseguidas, ofendidas ou excluídas por ser LGBTQIAPN+, esse acolhimento tornaria o espaço universitário como referência não somente para os cursos de licenciaturas mas também para os outros ofertados, e talvez assim as pessoas não teriam necessidade de esconder suas orientações/identidades pois estaria em um ambiente que não lhe apresentará desafios por sua condição de ser LGBTQIAPN+.

Cabe ressaltar importância de trabalhar a temática no campus colocando estes sujeitos em seus lugares de ocupação e representatividade, alguns participantes relatam já ter atuado na docência e tiveram desafios e entraves sendo visível essa exclusão e outros tem de certo modo receio desse preconceito velado e camuflado que terão que enfrentar após a formação, ter que esconder suas orientações/identidades e manifestações, mesmo que estes se “comportam” e tenha “postura docente”

Dessa forma, conclui-se que apesar de todas as conquistas de direitos que a comunidade LGBTQIAPN+ avançou nos últimos tempos, ainda precisamos reafirmar esses direitos e lutar por dignidade e igualdade, no que diz a educação precisamos combater todas as formas de violação e violências que este público enfrenta como desafios na educação básica e também no ensino superior.

Assim, é necessário formações, pesquisas que contribuam até mesmo a informação de pessoas que não são pertencentes a comunidades, mas que lidam e precisam acolher e garantir que elas ocupem os espaços escolares, universitários, de trabalho e assim tendo dignidade e reconhecimento das suas potencialidades, é garantir a permanência dessas pessoas com total respeito, acolhimento e, sobretudo uma inclusão que não seja somente na teoria, mas na prática, e isso será mais um passo para que essa comunidade possa sair do mapa da violência, vulnerabilidade, piores índices de extermínio e sendo multiplicadoras de conhecimento, trabalho, educação pautadas na liberdade e igualdade e competência humana, sendo sujeitos que não precisam abandonar mais os espaços devido à violência, discursos de ódio, exclusão e desrespeito de suas vivências LGBTQIAPN+.

REFERÊNCIAS

ABGLT. **Relatório da Secretaria de Educação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Pesquisa nacional sobre o ambiente educacional no Brasil 2016**: As Experiências de Adolescentes e Jovens LGBT em nossos Ambientes Educacionais.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL, Secretaria Nacional de Juventude. **Diagnostico da Juventude LGBT 2016**. Brasília, DF: Secretaria Nacional de Juventude, 2016.

Cartilha INCLUZE. **LGBTQIAPN+ 2023**. Salvador - Bahia, Brasil.

CORDEIRO, Janivaldo Pacheco. **Corpo-território-LGBT+**: Imagens e narrativas de professores/as transviados/as na educação básica. 2020.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Homossexualidade e educação sexual**: construindo o respeito à diversidade. Londrina: UEL, 2007.

Sá, N. N. & Szylit, R. Cisheteronormatividade e luto na experiência familiar da pessoa não-cisgênero. **Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia**, v. 07, n. 01, 45-72, 2021;

SANTOS, Jailson Batista dos. **Os desafios da permanência de estudantes LGBT na universidade**: uma perspectiva da diversidade sexual no curso de Pedagogia – Educação do Campo. João Pessoa: UFPB, 2017.

SERGIPER. Secretaria de Estado da Inclusão e Assistência Social de Sergipe. **Manual de Comunicação LGBTQIAPN+**, Sergipe 2022.

Recebido em: 21/02/2025
Aceito em: 10/04/2025